

TENDÊNCIA SUICIDA EM CRIME E CASTIGO: UMA ANÁLISE DIALÓGICA

SUICIDE TREND IN CRIME AND PUNISHMENT: A DIALOGUE ANALYSIS

Thiago Barbosa Soares 1

Resumo: Nos limites da vida humana impõe-se um problema que diz respeito à Psicologia, o suicídio. Nessa problematização da relação entre suicídio como fato social, homicídio e as motivações do primeiro acontecer em decorrência do segundo, elegeu-se o tema suicídio para o qual construiu-se um corpus formado pela obra clássica, Crime e Castigo de Dostoiévsky, delimitada na observação do protagonista homicida. A investigação ora expressa sustentou-se em balizas da Psicologia e da Psicanálise freudiana. Assim, através das análises de características psicológicas do referido protagonista, Raskólnikov, concluiu-se que nesse caso, representante de uma densidade real através do dialogismo bakhtiniano, uma culpa foi a força matriz da ideia suicida, sendo essa sentida pelo remorso de ter cometido o crime ou pelo fracasso em não atingir algo almejado. Nesse sentido, ponderamos o amor como condição fundamental para uma possível redenção, podendo esse ser vivenciado em diversos contextos, incluindo o da psicoterapia.

Palavras-chave: Suicídio. Psicologia. Homicidas. Análise. Dialogismo.

Abstract: Within the limits of human life, there is a problem that concerns Psychology, suicide. In this problematization of the relationship between suicide as a social fact, homicide and the motivations of the first happening as a result of the second, the theme suicide was chosen, for which a corpus was built formed by the classic work, Crime and Punishment by Dostoevsky, delimited in the observation of the homicidal protagonist. The investigation expressed herein was based on the guidelines of Psychology and Freudian Psychoanalysis. Thus, through the analysis of the psychological characteristics of the aforementioned protagonist, Raskólnikov, it was concluded that in this case, representing a real density through Bakhtinian dialogism, guilt was the driving force of suicidal ideation, which was felt by the remorse of having committed the crime or failure to achieve the desired goal. In this sense, we consider love as a fundamental condition for a possible redemption, which can be experienced in different contexts, including psychotherapy.

Keywords: Suicide. Psychology. Homicides. Analyze. Dialogismo.

Graduação em Letras, português/inglês, pela Universidade do Vale do Sapucaí, em Psicologia pela Universidade Paulista e em Filosofia pela Universidade de Franca, especialização em Estudos Literários pela Faculdade Comunitária de Campinas, mestrado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos e doutorado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos. É colíder do Núcleo de Estudos da Linguagem (NEL-UFT), membro pesquisador do Grupo de Estudos em Análise do discurso e História das ideias linguísticas (VOX-UFSCar) e professor nos cursos de graduação em Letras e de pós-graduação stricto sensu em Letras da Universidade Federal do Tocantins no Câmpus de Porto Nacional.

E-mail: thiago.soares@mail.uft.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8919327601287308>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>.

E-mail: thiago.soares@mail.uft.edu.br

Considerações Iniciais

Na vida, viver é, sem sombra de dúvidas, a ação mais essencialmente humana. Contudo, não tenhamos escolhido as nossas condições iniciais de existência, podemos no decorrer da vida produzir fatores condicionantes à mudança. Não importa quais sejam as mudanças, viver é um dos pressupostos dos projetos humanos, não obstante, todos inevitavelmente estão diante da morte.

Certamente, a ideação de suicídio é a negação da vida para alguém que planeja tirar a sua própria. Desse ponto de vista, existem inúmeros complicadores, tais como as condições de miséria, insanidade mental, desilusão, entre tantos fatores contribuintes para esse tipo de iniciativa, encontramos um em específico, o homicídio.

O desejo de se retirar da vida precisa ter algum tipo de motivação, e o homicídio parece ser um dos fatores motivacionais mais complexos. Tendo em vista o que foi dito, é na observação desse fenômeno complexo que constitui este trabalho acadêmico, no qual o corpus apresenta a obra *Crime e Castigo* de Dostoiévski. Há na literatura alguns fios densos do tecido humano, entre eles, a pretensão ao suicídio de um homicida. Além disso, por se tratar de uma obra na qual o peso da constituição psicológica é imenso, de forma a poder ser comparado ao real, é perfeita como laboratório de análise.

Portanto, é a partir do referencial teórico da psicanálise, juntamente com a visão bakhtiniana sobre a relação dialógica na produção dos sentidos através das inter-relações humanas, que desenvolvemos um estudo no qual a literatura é fundamentalmente um recurso, do qual não obteríamos frutos saborosos se não fosse realmente a plasmação do homem e suas peculiaridades mais profundas.

De antemão, é imprescindível ressaltar a nossa consciência sobre aproximações e distanciamentos entre os arcabouços psicanalíticos e bakhtinianos. Mas visando uma perspectiva discursiva em que hoje tem-se a ciência de que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, e esta só pode ser materializada através da interação linguística (PÊCHEUX, 1997), essa interseção não se torna a priori um problema epistemológico. Dito isso, não há preocupação em descrever fronteiras entre uma teoria e outra, mas apresentá-las como elo de fortalecimento da instrumentalização analítica entre o ficcional e a própria condição psíquica da realidade humana.

Em suma, é dessa pretensão que este estudo visa ganhar fôlego vital, isto é, para observar, conseqüentemente, levantar hipóteses sobre o funcionamento psíquico das características da protagonista na obra supracitada à luz da psicanálise e do pensamento bakhtiniano; na intenção de compreendermos esse fenômeno complexo que é o suicídio de homicidas.

Aparato teórico de investigação

Quando Bertrand Russell (2013, p. 460) afirmou que Freud chegou a uma psicologia englobante de entidades ocultas, sem restrições, e que a noção de inconsciente (mesmo que de natureza indiretamente observável) representa o ponto fulcral de seu pensamento, encontramos, nessa perspectiva, uma boa indicação da importância da constituição da psicanálise.

Dito isso, observa-se que Freud contribuiu para a psicologia com a instância de extrema importância, devido a sua funcionalidade no aparato psicológico humano. Contudo, a partir da célebre publicação da *“Interpretação dos Sonhos”* (1900), Freud consegue aferir um inconsciente no qual se desenrolam processos dinâmicos determinantes para vida consciente, ou seja, um inconsciente como substantivo.

Dessa forma, Freud, ao observar os instintos, postulou dois, a saber, os instintos de conservação e de preservação da espécie. No decorrer de suas pesquisas, o psicanalista percebe que esses não passam de duas manifestações diferentes da mesma coisa, isto é, o amor dirigido para objetos diferentes.

Desse modo, são engendrados os instintos de vida e de morte. Roudinesco e Plon nos fornecem dados para compreensão dessa mudança: “Essa reformulação freudiana, portanto, consistiu numa redistribuição das pulsões sexuais, por um lado colocadas no eu – donde a denominação libido do eu – e, por outro, nos objetos externos, donde a denominação libido

objetal” (1998, p. 630). Antes de qualquer coisa, instinto e pulsão para o criador da psicanálise são correlatos.

Nesse diapasão, o batimento desses instintos forma no ser humano a força motriz do inconsciente. Sendo esse o manancial da constituição da psique, segundo a psicanálise, do qual originam ego e superego. Numa espécie de jogo estrutural, Freud arquiteta as três instâncias psíquicas, a saber, id, ego e superego. Cada qual interagindo com a outra, num sistema no qual ego e superego têm suas nascentes no rio chamado id, contrastando continuamente entre a razão (ego) e as paixões (id) (FREUD, 2006, vol. XIX, p. 39).

Portanto, nesse sistema imbricado, as instâncias ganham não só designações, mas funções importantes, tal qual o superego. Esse atua como agente responsável por alinhar o ego às determinações nas quais foi introjetado o principado da moral. Assim se percebe que o ego representa o mundo externo enquanto o superego representa o mundo interno (FREUD, 2006, vol. XIX, p. 49). Nesse sentido, o superego pode ser entendido como um tipo de censor responsável pela introjeção dos padrões, valores, comportamentos, entre outros, relativos ao funcionamento social.

Dito isso, temos condições de adentrar outro terreno no tocante ao desenvolvimento do aparelho psíquico no qual tem destaque os mecanismos de defesa do ego. No que concerne à defesa, Roudinesco e Plon (1998, p. 141) sustentam que “Sigmund Freud designa por esse termo o conjunto das manifestações de proteção do eu contra as agressões internas (de ordem pulsional) e externas, suscetíveis de constituir fontes de excitação, e, por conseguinte, de serem fatores de desprazer”.

Nesse diapasão, a leitura de Kahn referente às estruturas defensivas é bastante proveitosa, porquanto não só as identifica, dando-as suas principais características, mas também por recorrer ao próprio Freud em seus casos emblemáticos. Nesse sentido, entramos no plano em que os mecanismos de defesa configuram o ego e sua relação com o mundo circundante. Tendo em vista o que foi dito, Michael Kahn, inicia seu fito de tratar desses mecanismos pelo recalque, para o qual ele diz: “Recalcar significa excluir um impulso ou um sentimento da consciência” (2013, p. 141).

Nessa perspectiva, prosseguimos fazendo conhecer a projeção como outro mecanismo de defesa no qual ocorre a manipulação interna e externa de uma percepção. Kahn afirma: “A projeção refere-se a uma forma de proteção contra a ansiedade por meio do recalque de um sentimento e da percepção equivocada desse sentimento em uma outra pessoa” (2013, p. 146).

Outra medida defensiva do aparelho psíquico é conhecida como formação reativa. É uma relação contraditória com o conteúdo reprimido, isto é, as tendências reprimidas dão origem a atitudes ou traços de caráter diametralmente opostas àqueles contra os quais servem de fortaleza. Kahn (2013, p. 148), sobre isso, afirma que a formação reativa, como mecanismo de defesa, protege o sujeito da ansiedade ao manipular uma percepção interna, percebendo equivocadamente um sentimento de forma oposta.

Nesse prisma, a formação reativa é considerada uma das medidas de defesa psicológica mais comum. No entanto, cabe ressaltar o efeito vinculante de mecanismos de defesa como, por exemplo, a formação reativa, somado à identificação. A identificação, por sua vez, mesmo sendo um conceito relativamente frouxo na teoria freudiana, pode ser entendida como uma forma de relação positiva, um modo de pensar (FREUD, 2006, vol. I, p. 305).

Assim como a identificação em nossa sumular revisão, a racionalização é um dos mais fundamentais princípios da psicodinâmica, porquanto refere-se a uma motivação e uma espécie de cognição. Nesse diapasão, um jogo no qual o reprimido é sempre um conteúdo sobreposto por outro mais favorável às explicações, sendo essas, por sua vez, uma forma de vencer. Assim como a identificação, outra defesa também importante é o deslocamento.

Seguindo a esteira das defesas, Plon e Roudinesco (1998, p. 148) é bastante salutar quando assevera que “o deslocamento, por meio de um deslizamento associativo, transforma elementos primordiais de um conteúdo latente em detalhes secundários de um conteúdo manifesto”.

Tendo em vista a revisão de pontos fulcrais que possibilitam o desenvolvimento deste

trabalho, avançamos em outro terreno. Esse, no qual o suicídio já foi ponto de partida para reflexões, é a Sociologia, em filigrana, a oriunda de Émile Durkheim (1858 – 1917). Contudo, nos deteremos apenas em algumas ponderações de Durkheim mais em outras de Marx no que dizem respeito a nossa investigação.

Durkheim dá maior visibilidade à questão da ordem social como uma constante de seu pensamento científico em meados do século XIX. Dito isso, entendemos a importância desse pensador e de seus escritos para compreensão de nossa investigação, porquanto conseguiu avançar questões provocantes para sua época, as quais, em certa medida, tocam este trabalho, a saber, o conceito de fato social. “Durkheim acreditava que a raiz dos problemas de seu tempo não era de natureza econômica, mas sim uma certa fragilidade da moral da época em orientar adequadamente o comportamento dos indivíduos” (MARTINS, 2010, p. 47). No pensamento durkheimiano, é a sociedade que determina o sujeito enquanto um ser social. Assim, o fato social pode ser pensado como uma espécie de equação social, ou seja, o produto das redes complexas perpassado pela política, cultura, formas de agir (o poder de coerção), entre demais fatores, cuja constituição é o sujeito integrante da sociedade.

Tendo em vista as reflexões expressas, a entrada que ora fazemos na sociologia criada por Durkheim via fato social, nos interessa, mormente, com relação ao olhar que esse conceito proporciona sobre o suicídio. Durkheim (2012, p. 36) expõe em seus escritos a relação existente entre o fato social e o suicídio, via comportamento sociocultural como, por exemplo, o casamento, o modo de vestir, de se comportar em determinado local e até mesmo de pensar em determinadas coletividades, ideologicamente restritas e crivadas por normas. É justamente nessa intersecção, fato social e suicídio, que a contribuição desse eminente sociólogo nos convida a investigar as possíveis relações de um ato individual e suas possíveis implicações no coletivo. Dito isso, quicá “a classificação das diferentes causas do suicídio deveria ser a classificação dos próprios defeitos de nossa sociedade” (MARX, 2006, p. 44; grifos do autor).

Nesse diapasão, uma investigação que toque tal problemática precisa levar em consideração, antes de qualquer coisa, os aspectos psicológicos e seus efeitos sociais. Portanto, escolhemos a via na qual os dois âmbitos se congregam, a literatura. E para contribuição desse trabalho, convocamos um brilhante autor russo, quem seja, Mikhail Bakhtin.

Cabe lembrar que a visão bakhtiniana, contrária ao arcabouço teórico freudiano não consiste aqui a priori um problema epistemológico, pois não estamos preocupados em delinear fronteiras entre uma teoria do funcionamento social da linguagem (o dialogismo e a relação existente entre a realidade e a obra, ou seja, a obra como uma representação da realidade), e a própria teoria do inconsciente.

Isto porque é aceitável a existência de aproximações e distanciamentos entre ambas as teorias, até porque uma teoria não exclui o funcionamento da outra. Pelo contrário, se pensar o dialogismo como materialidade da interação humana, numa perspectiva discursiva, tem-se a manifestação do pensamento humano se concretizando em cada comportamento linguístico dos indivíduos.

Dessa feita, é a partir do ponto de intersecção entre essas duas vertentes, a saber, o elo entre os mundos interno e externo (a materialização do pensamento humano através da interação comunicacional entre indivíduos) que é disposta nossa ferramenta de apreciação do sofrimento humano com base na produção literária de Dostoiévski.

Assim o fazemos, porquanto a literatura, em filigrana, *Crime e Castigo* não é outra coisa a não ser textos, pois para Bakhtin (2011, p. 319), “o texto é o dado (realidade) primário e o ponto de partida de qualquer disciplina nas ciências humanas. Isso implica em dizer que ao estudarmos o homem, nos deparamos com signos em toda parte e a interpretação é inevitável (ibid., p. 319), pois o texto, nessa perspectiva bakhtiniana, é ao mesmo tempo a condensação dos dados, cujo mundo permeado pela linguagem nos proporciona, e a atuação pela qual homens se encontram e desencontram.

Nessa perspectiva, o texto está em todas as áreas do conhecimento, ou melhor, ele conclama todos os campos, porquanto ele chama a linguagem a se materializar em saberes, se colocando em uma relação de sentido continuamente. Portanto, não existe objeto que não esteja envolvido no discurso já que “todo discurso dialoga com outros discursos, toda palavra

é cercada de outras palavras” (FIORIN, 2012, p. 167). Nesse sentido, o dialogismo pode ser percebido em toda produção de linguagem, mormente, na produção linguística.

Análise dialógica

Dostoiévski apresenta Raskólnikov como uma personagem que permite o retorno à reflexão sobre o suicídio, por ser extremamente intrigante, sobretudo, pelo que toca sua vida psíquica. Assim, dentro do panorama da Teoria Literária, podemos chamá-lo de personagem redonda, pois evoca processos peculiares ao se projetar na temporalidade psicológica, formatada por um interno monólogo e ajustada pelas suas potencialidades inconscientes (REIS; LOPES, 2002, p. 219).

Nesse sentido, Raskólnikov, quando não está em seus diálogos “calorosos” com outras personagens, está mergulhado em profundas meditações, as quais reverberam em suas conversas consuetudinárias e mesmo em suas ações. Com efeito, a potencialidade de representações psicológicas não é, em absoluto, pequena, porquanto, entre outras coisas, podemos perceber, sem dificuldades, Raskólnikov se projetando no tempo e, em seguida, conjecturando a respeito. Ou, então, algo como a cogitação a posteriori, “o personagem não se dava conta do que estava fazendo, mas o fazia desde já numa situação que, posteriormente, lhe daria condição de refletir a respeito” (ANDRADE, 2003, p. 85).

Nessa visão, a posição do ego de Raskólnikov se reconhece em diferentes momentos, quer dizer, no espaço-tempo deslocado daquele em que se encontra; isso promove, de certa maneira, um encontro consigo *in locus* distintos que, por sua vez, é um modo de auto reconhecimento em prol da consecução de novas ações.

Certamente, Andrade tem razão em sua pontuação sobre as relações da posição do eu, para o que chamamos ego, quanto à orientação que Raskólnikov dá a sua responsabilidade. Nessa toada, a postura que ele assume diante do planejamento do assassinato de Alena Ivanovna, a usurária, é uma caracterização das projeções de seu ego, cuja atitude anterior, e mesmo posterior, carece de uma alta auto afirmação consubstancializada não só no nível mental, mas, junto dele, em um artigo no qual suas precípuas ideias são lançadas em público.

Todavia, pode-se afirmar, de Raskólnikov, a confusão mental? Lançar mão da confusão mental seria perigoso, por um lado, porquanto absolveria o protagonista de sua lesa vida e o deixaria sem os prováveis problemas morais advindos desse ato, porém, por outro lado, pode atestar, se esse distúrbio mental temporário se dava com frequência, uma perturbação remontando à estruturação psíquica da personagem. Isto é o mesmo que Schulte & Tölle (1981, p. 166) afirmam quando discorre sobre a confusão mental como a perturbação mais marcante do esquizofrênico. Ademais, há nessa visão a afirmação de que o pensamento confuso não aparece necessariamente destituído de sentido. Ele “pode ter um sentido em si mesmo, isto é, dentro da vivência psicótica” (ibid., p. 166).

Vejamus que Raskólnikov não evidencia uma perturbação no pensamento tal como inicialmente os autores expressam com relação ao esquizofrênico, ele não tem o uso de palavras desconexas tampouco frases, isso mesmo depois de ter cometido o crime. Todavia, é inegável a confluência de pensamentos relativamente confusos em certos momentos por parte da personagem. Tal fato, podemos perceber em trechos como:

“É isso: tudo está ao alcance do homem e tudo lhe escapa, em virtude de sua covardia... Já virou até axioma. Coisa curiosa a observar-se: que é que os homens temem, acima de tudo? [...]. Porém falo demasiado e, por isso, não faço nada. [...]. Absolutamente: um simples jogo da minha imaginação, uma fantasia que me diverte... Uma brincadeira. Sim, é isto mesmo: uma brincadeira” (DOSTOIÉVSKI, 2010, Vol. I, p. 12; aspas do autor).

Não podemos deixar de notar um fator relevante, qual seja, a obra é, por suas características axiológicas e, sobretudo, por suas características literárias, uma obra realista, ou seja, embreado nas “fornalhas” do Realismo, Dostoiévski impregna a referida obra nos mol-

des desse movimento literário, o qual é “fortemente influenciado pelo cientificismo (MEGALE, 1975, p. 148).

Portanto, Raskólnikov, por ser uma “construção”, carrega uma enorme influência desses padrões realistas, possuindo pensamentos de grande densidade. Analisando mais detidamente no primeiro recorte, temos uma visão do estranhamento que Raskólnikov tem do homem e de sua covardia em seu pensamento, porém ele pensa sobre aquilo que ele dirime em 3ª pessoa, de maneira a se distanciar mais e mais do homem e seu atributo. O que se torna estranho, porquanto ele é um homem, mesmo que não tenha covardia, somado ao fato que, salvo os desvios de tradução do russo para o português brasileiro, ele pensa: “falo demasiado e, por isso, não faço nada”; algo de se estranhar alguém alegar que fala muito ao pensar – haja vista que ele se apropria da fala poucas vezes durante a narrativa, e quando o faz, é menos prolixo que os outros participantes da conversação. Além, é claro, de afirmar que ele mesmo fica imaginando coisas, para depois sustentar para si próprio que tudo não passa de uma brincadeira, tendo em perspectiva futura que se trata do planejamento do assassinato da usurária. Pelo que se lê, essas tolices têm efeito durante um mês inteiro e, sem entrarmos em detalhes maiores, vão se concretizar em ato.

No entanto, não estamos inteiramente de acordo com o que foi proposto, inicialmente, por Andrade ao levantar implicitamente os pensamentos confusos de Raskólnikov como um tipo de justificativa para suas atitudes, mas temos que ceder ao levarmos em consideração aspectos de algumas formulações vagas em sua linha de raciocínio – em si e no modo como trata diversos temas e seus saltos de um para outro sem certa linearidade.

Desse modo, conforme os excertos extraídos, até o momento, podemos notar que os raciocínios formulados por Dostoiévski apresentam as marcações supracitadas. Mais explicitamente, Raskólnikov denota ideias obscuras, ambíguas e imprecisas sem comprometer a propriedade qualitativa de seus pensamentos, o que pode caracterizar uma neurose grave ou o início de um quadro demencial que será desenvolvido no decorrer do enredo, mas que, provavelmente, não faça alusão à esquizofrenia, especificamente. Todavia, no horizonte da obra, a possível entrada nesse quadro está mais próxima de uma caracterização de aspectos narcísicos, o que pode estar ligado à estruturação do ego de Raskólnikov. Ou melhor, “uma personalidade narcisista (um conjunto de traços, características e atitudes, como, entre outros, uma megalomania, que determina uma forma de ser e de viver)” (ZIMERMAN, 2010, p. 157; grifo do autor), tendo essa, portanto, “uma escala de valores centrada no ego ideal e no ideal do ego” (ZIMERMAN, 2010, p. 157).

Raskólnikov nos dá indícios de que um de seus objetos de desejo ou, sobretudo, o que mais se evidencia na obra como um todo é levar ao extremo o real de seu desejo, tocando em vários momentos a cisão entre a realidade externa e a interna, quer dizer, o mundo factual no qual vive, o meio em relação ao mundo criado pelo ideal do ego. É o mesmo que Henry (2013, p. 169) afirma quando postula “a distinção entre o eu-ideal e o ideal do eu”, asseverando a representação desse imaginário como a separação do significante e do significado, a marca da inadequação do imaginário ao objeto do homem.

Seguindo essa linha de raciocínio, a referida personagem em sua estruturação egóica apresenta uma aparente diferenciação entre o ego ideal e o ideal do ego, como pode ser depreendido da defesa de Raskólnikov, quando faz menção de seu artigo ao juiz de instrução (delegado) Porfiri: “Eu somente insinuei que o homem “extraordinário” tem o direito, não o direito legal, mas o direito moral de permitir à sua consciência saltar certos obstáculos” (DOSTOIÉVSKI, 2010, Vol. I, pp. 347-48).

Raskólnikov, em prol de sua argumentação, cuja base temática é: ‘o fim justificam os meios’, continua: “Os crimes cometidos por eles são naturalmente relativos e variáveis. Na maioria dos casos, esses homens reclamam, sob as mais diversas fórmulas, a destruição da ordem estabelecida em proveito de um mundo melhor”. (Ibid., pp. 349-50; grifo do autor).

Dessas considerações, não é difícil notar que Raskólnikov separa em sua defesa os vultos notáveis, isto é, quem, de certa maneira, legou alguma contribuição à humanidade dos desvalidos desse mesmo estado, as pessoas comuns. Não obstante, justifique os crimes cometidos pelos grandes homens (e os possíveis de serem realizados por esses), relacionando a “neces-

sidade” da destruição da ordem estabelecida com vistas ao aprimoramento da sociedade, ele não deixa de tomar os meios pelos fins, quase como na produção de uma síntese hegeliana.

Nesse sentido, o protagonista de *Crime e Castigo* para provar sua própria teoria, ou melhor, guarnecer e ao mesmo tempo atingir os objetivos do ideal do ego, chega ao ponto de tirar a vida de um outro ser humano considerado por ele menos “valioso”. Se “a presença na estrutura psíquica do sujeito, tanto do ego ideal como do ideal do ego, determina uma extrema vulnerabilidade da autoestima” (ZIMERMAN, 2010, p. 160), a personagem em questão até o momento da realização de seu feito, isto é, o assassinio de Alena Ivanovna, possuía certa harmonia entre ideal do ego e ego ideal. Quer dizer, possuía autoestima até a consecução do ato, contudo, depois, essa não permaneceu a mesma. Raskólnikov se acomete de crises chegando a permanecer em estado de letargia por horas a fio, tendo nesses períodos sonhos nos quais se via realizando o mesmo ato, ao passo que acordava produzindo falas desconexas.

Ao andar pelas ruas da cidade de Petersburgo, o protagonista acredita ter alucinações de que era perseguido. Até mesmo em certa visita de outro personagem, a saber, Svidrigáilov, Raskólnikov demonstra estar passando por um momento psicopatológico, enquanto reverberação dos efeitos de seu crime. Nas palavras pensadas pelo protagonista em um diálogo com Svidrigáilov: “Será possível que seja o sonho que continua? Svidrigáilov! Que absurdo!” (DOSTOIEVSKI, 2010, Vol. II, p. 11). Mais um de outros tantos índices de que iniciava a cisão entre o princípio de realidade e o princípio de prazer, sendo esse o grande constrangimento imposto por seu superego à fuga (da vida).

Começa, então, o movimento de ideação suicida no qual Raskólnikov vai lentamente cedendo ao “impulso” de se livrar facilmente de seu estado patológico oriundo dos efeitos de seu crime. Por coincidência ou não, o protagonista se depara em alguns momentos com o suicídio, certamente uma estratégia narrativa desenvolvida pelo autor, cujo um dos prováveis objetivos era induzir seu leitor a acreditar, por esse e por outros indícios, no suicídio de Raskólnikov. Svidrigáilov quem teve algumas conversas e tentou inocular algumas ideias no protagonista, foi como um gatilho para Raskólnikov, pois lhe fez pensar o quanto vale a vida, haja vista que Svidrigáilov suicida-se. Com efeito, apontando, e talvez até chamando, o “herói” de *Crime e Castigo* ao desenlace de sua vida e, por extensão, de todo e qualquer problema veiculado aos efeitos psicológicos de seu crime. Podemos ver as marcas dessa ideação suicida em trechos como: “Ela só tem três soluções: lançar-se ao canal, acabar num asilo de alienados, ou então... atirar-se ao vício que embrutece o espírito e petrifica o coração” (Ibid., p. 65). Nesse caso Raskólnikov pensa a respeito da situação miserável na qual vive Sônia, sua amada redentora, tomando, então, a miséria ou a condição social como um fator preponderante à causação do suicídio. Assim, “embora a miséria seja a maior causa do suicídio, encontramos-lo em todas as classes, tanto entre os ricos ociosos como entre os artistas e os políticos” (MARX, 2006, p. 24). Ou ainda, “vê-se que, na ausência de algo melhor, o suicídio é o último recurso contra os males da vida privada” (Ibid., p. 48).

A partir desse pensamento não é difícil depreender a intenção suicida de Raskólnikov; sua preferência pela negação de seu crime e, por conseguinte, de sua vida é a reparação de seu erro. “As técnicas a serviço de uma tal negação radical são, aliás, elas mesmas muito diversas. Posso aniquilar o real aniquilando a mim mesmo: fórmula do suicídio, que parece a mais segura de todas” (ROSSET, 2008, p. 14).

Portanto, para Raskólnikov confessar o seu crime à polícia e “pagar” por ele era tão necessário quanto o suicídio. Porém, muito mais custoso tanto do ponto de vista social quanto psicológico. Dessa forma, o suicídio era, com efeito, a maneira mais simples e fácil de punir-se, satisfazendo os desejos do superego e do ego. Ao invés disso, um brilho lhe ofuscou tal ideia, ou seja, um sentimento um tanto quanto desconhecido pelo protagonista sombreia a possibilidade do suicídio ao proferir sua confissão à Sônia.

Assim, vemos que Sônia, ao dizer que nunca o abandonaria, em resposta a sua aflição, quase como uma terapeuta, exerce uma influência em Raskólnikov, análoga ao processo nomeado transferência na psicanálise, uma vez que, desde o momento em que o protagonista de *Crime e Castigo* conhece Sônia, tem-se um laço de cumplicidade se formando em cuja combinação podemos perceber no momento supracitado. É o mesmo que Hillman (2011, p. 27) as-

severa ao dizer que “a transferência é uma aliança de duas pessoas contra qualquer dificuldade e obstáculo, e, às vezes, contra todos” (HILLMAN, 2011, p. 27).

Nesse sentido, é possível afirmar que entre a consecução do relacionamento de Sônia e Raskólnikov com o suicídio desse, existia uma linha tênue, porquanto, se considerarmos o relacionamento como uma forma de paixão temos que “nas duas situações opostas, de paixão intensa e de suicídio, o ego é dominado pelo objeto, embora de maneiras totalmente diferentes” (FREUD, 2006, Vol. XIV, p. 257).

Portanto, não seria de mal tom dizermos que Raskólnikov escapou do suicídio ou foi resgatado por um triz. Mais uma vez, Raskólnikov prova ser uma personagem mais do que densa, isto é, extremamente complexa em sua vida psíquica. Entre outras coisas, podemos ver o fato social durkheimiano funcionando em *Crime e Castigo*, em especial, com o protagonista, através do dialogismo bakhtiniano em cujo social, grosso modo, atravessa a obra literária compondo a reflexão e a refração do real retratado enquanto narrativa. Em outras palavras, a punição pode ser vista como um fato social, de acordo com as proposições de Durkheim (2012), com a qual a culpa, um fato individual e, mesmo, subjetivo, bastante perceptivo em Raskólnikov, se encontra, produzindo a fantástica colisão entre o princípio de realidade e o princípio de prazer nos quais Sônia é peça-chave para a redenção do protagonista.

Considerações Finais

Se pensarmos na questão que foi trazida à baila, o suicídio possivelmente como consequência do ato de homicídio, a pergunta de qual seria a motivação que alguém poderia ter para suicidar-se depois de matar prevalece. A hipótese de que seja para livrar-se de punições ou por culpa conduziu esse trabalho. Porém, matar um ser semelhante revela que o juízo de valores impostos pela sociedade está em situação conflituosa. No entanto, tirar a própria vida pode ter como causa, por exemplo, o arrependimento resultante em uma incapacidade de viver com a culpa de ter causado a morte de alguém.

Desse modo, o indivíduo é instigado por inúmeros impulsos que a sociedade procura controlar e suprimir, tendo que lidar com suas próprias vontades, sendo cerceado pelas regras do coletivo. Isto é, “a pretensa obediência “inconsciente”, “forçada”, ou “intuitiva” do primitivo à regra do grupo é uma concepção etnológica” (LACAN, 1998, p. 128; aspas do autor). Como se pode notar, se a realização de um desejo tiver consequências que levem à punição, há possibilidade de desestabilização psíquica.

Diferentemente de Lacan, porém com alguns pontos em congruência, Émile Durkheim ao desenvolver seu método sociológico, estudou com profundidade o suicídio, tratando-o como um fato social que, grosso modo, é a realidade em que os indivíduos experimentam suas vivências, sendo essa realidade autônoma e preexistente. Nesse molde, a sociedade é regida por leis que governam em certa medida os fatos sociais.

Dito isso, somado ao clássico da literatura universal, *Crime e Castigo*, relacionado ao tema estudado, pode-se estender a reflexão a figuras históricas que por alguma causa, após matarem outros indivíduos, cometeram suicídio, como Mitridates, Nero ou Hitler. Além de casos recentes, noticiados pela mídia, de autocídio após homicídio cometido por parte daquele que engendrou o ato suicida.

Nos casos supracitados é possível aventar diversos motivos para o homicídio, já para o suicídio, que foi nosso foco, notou-se na literatura analisada, a culpa como força motriz da ideação suicida de Raskólnikov, sendo essa sentida pelo remorso de ter cometido o crime ou pelo fracasso em não atingir o almejado mesmo que tenha chegado a matar. O que, probabilisticamente, determinou o fato de Raskólnikov não suicidar foi o modo que encontrou para lidar com tal culpa, isto é, sua redenção através do amor e apoio de Sônia.

Posto isso, o suicídio, como um “trágico acidente provocado”, abre-nos margem para reflexão de suas condições de ocorrência, sobretudo em homicidas, nos quais a motivação ao suicídio é, em suma, oriundo do desejo de reparação do crime cometido. Portanto, faz-se necessário que continuem os estudos acerca desse fenômeno psicológico com efeitos na esfera social, a fim de fazer valer a peremptória proposição de que “a transformação começa nesse

ponto, aí onde não há esperança. O desespero produz o grito de salvação, para o qual a esperança seria otimista e confiante demais” (HILLMAN, 2011, p. 106).

Referências

ANDRADE, A. C. **Angústia da concisão**: ensaios de filosofia e crítica literária. São Paulo: Escrituras Editora, 2003.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 2ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1981.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

DOSTOIEVSKI, F. **Crime e Castigo**. (Vol. I e II). Trad. de Rosário Fusco. São Paulo: Abril (Clássicos Abril Coleções), 2010.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. Trad. Walter Solon. São Paulo: EDIPRO, 2012.

FIORIN, J. L. **Interdiscursividade e intertextualidade**. In: Beth Brait (Org.). Bakhtin: outros conceitos-chave. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FREUD, S. **Extratos dos documentos dirigidos a Fliess**. In: FREUD, S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira (Vol. I). Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. **Sobre o narcisismo: uma introdução**. In: FREUD, S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira (Vol. XIV). Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. **Luto e Melancolia**. In: FREUD, S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira (Vol. XIV). Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. **Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico**. In: FREUD, S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira (Vol. XIV). Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. **Uma neurose infantil e outros trabalhos**. In: FREUD, S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira (Vol. XVII). Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. O Ego e o Id. In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira (Vol. XIX). Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. **Dostoiévski e o Parricídio**. In: FREUD, S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira (Vol. XXI). Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. **A teoria dos instintos**. In: FREUD, S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira (Vol. XXIII). Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

HENRY, P. **A ferramenta imperfeita**: Língua, sujeito e discurso. Trad. Maria Fausta P. de Castro. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

HILLMAN, J. **Suicídio e alma**. Trad. Sônia Maria C. Labate. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

KAHN, M. **Freud básico**: pensamentos psicanalíticos para o século XXI. Trad. Luiz Paulo Guanabara. Rio de Janeiro: BestBolso, 2013.

LACAN, J. **O Seminário**: A Angústia. (Livro X). Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

LACAN, J. **Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia**. In: Lacan, J. Escritos. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

MARTINS, C. B. **O que é sociologia**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MARX, K. **Sobre o suicídio**. Trad. Rubens Enderle e Francisco Fontanella. São Paulo: Boitempo, 2006.

MEGALE, H. **Elementos de teoria literária**. 2ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1975.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio; tradução Eni Pulcinelli Orlandi. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

ROSSET, C. **O real e seu duplo**: ensaio sobre a ilusão. Trad. José Thomaz Brum. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1998.

RUSSELL, B. **História do pensamento ocidental**: A aventura dos pré-socráticos a Wittgenstein. Trad. Laura Alves e Aurélio Rebello. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

SCHULTE, W.; TOLLE, R. **Manual de psiquiatria**. Trad. Celeste de O. Vieira et al. São Paulo: EPU: Springer, 1981.

ZIMMERMAN, D. E. **Fundamentos psicanalíticos**: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed, 2010.

Recebido em: 05 de fevereiro de 2020.

Aceito em: 13 de dezembro de 2021.